



SOY LOCO POR TI, AMÉRICA: O SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES E O OLHAR PARA A AMÉRICA LATINA

DANIEL TREVISAN SAMWAYS*

Elias Canetti, em sua obra *Massa e Poder* (1995), afirma que um dos maiores temores é o contato com o desconhecido. Aquilo que é estranho pode causar temores e se refletir em certa paranoia, mas também conduzir determinadas ações. Segundo o autor, “não há nada que o homem mais tema do que o contato com o desconhecido. [...] À noite ou no escuro, o pavor ante o contato inesperado pode intensificar-se até o pânico.” (CANETTI, 1995: 13). Em diferentes períodos da história, o desconhecido (aqui também visto como o “outro”, aquele que possui características estranhas e diferentes) foi perseguido, preso, torturado, morto e desaparecido. Na tentativa de construir uma sociedade livre do dissonante e de se proteger do desconhecido, surge, na análise de Canetti, a *massa*, na qual todos são iguais e próximos. Não existe a distância, tampouco as diferenças. É a ação de um corpo coeso contra seu inimigo. O objetivo desse trabalho é analisar exatamente esse desconhecido, o “outro”, o diferente dos padrões estabelecidos e que não se encaixava nas normas. O “anormal”, segundo Michel Foucault (2001: 117-121), pode também ser visto como um “monstro político”, aquele que não segue os tratados políticos, que ignora as leis e traz instabilidade à sociedade. A figura do “monstro político” surge, segundo Foucault, na virada do século XVIII para o XIX, tanto na figura de um rei tirano, quanto em uma parcela da população revoltosa. Por outro lado, cabe ressaltar que esse “outro” sempre foi motivo de inúmeras análises ao longo dos séculos e de um esquadramento que buscava conhecer o diferente. Tais análises, contudo, não eram isentas de valores e de uma visão muitas vezes distorcida.

Este trabalho pretende analisar a produção de um discurso sobre o comunismo e os comunistas entre os anos 1970 e 1973, auge da repressão no Brasil, através de uma publicação chamada *Comunismo Internacional*, produzida pela Agência Central do Serviço Nacional de Informações (SNI). A publicação possuía circulação mensal e era distribuída em diferentes órgãos, como as agências estaduais do SNI, Delegacias de Ordem Política e Social (DOPS), Presidência da República, Congresso Nacional, serviços de informação das Forças Armadas, secretarias estaduais de segurança pública e algumas autoridades religiosas. *Comunismo Internacional* abordava o comunismo em uma escala global, almejando informar seus leitores

* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Instituto Federal de São Paulo (IFSP).



sobre o um suposto “perigo vermelho” que rondava o mundo ocidental, seja através dos costumes, da guerrilha, das drogas ou mesmo do movimento religioso. Ela contava com alguns tópicos como “Assuntos Gerais”, “Movimento Religioso”, “Potências Comunistas”, “Europa”, “Ásia” e “América” e iniciava sempre com a seção “Conheça o seu inimigo: o que ele faz, o que ele diz”, trazendo frases de comunistas conhecidos, com o intuito de demonstrar o caráter perigoso do comunismo e dos comunistas. É possível perceber nessa documentação, que possuía aproximadamente 200 páginas por edição e está disponível no Arquivo Público do Estado de São Paulo e no Arquivo Público do Paraná, um discurso marcado pelo medo e pela paranoia, associando os comunistas a características negativas e ruins, apresentando-os como seres maldosos, perigosos, indolentes e sem escrúpulos.¹ Por certo, *Comunismo Internacional* não é a única publicação do período ditatorial com esse discurso e pode ser entendida como mais uma peça da gigantesca engrenagem montada na *Comunidade de Informações*. A ditadura produziu uma infinidade de documentos, com milhões de páginas onde o comunismo e os comunistas eram esquadrihados em diferentes aspectos, com o acompanhamento da vida diária de milhares de suspeitos de subversão e uma intensa troca de informações entre diferentes órgãos estatais, sejam eles federais, estaduais ou municipais. Um dos assuntos mais importantes e com maior destaque dentro da publicação foi o continente americano. A preocupação com a suposta subversão e com o crescimento do movimento de oposição e de guerrilha em diferentes países, ganhou destaque nas páginas de *Comunismo Internacional*. O período de circulação marca o auge da repressão no Brasil, bem como as tensões política na Argentina, Chile e Uruguai no início da década de setenta. O governo de Salvador Allende, seu discurso em defesa do socialismo, o movimento religioso e de guerrilha urbana e rural eram os principais alvos da publicação. Esses países eram também os principais destinos de exilados brasileiros.

O inimigo mora ao lado

Comunismo Internacional circulou durante um período de grandes tensões no Cone Sul e, como não poderia deixar de ser, do aumento gradual da violência, tanto de grupos de extrema-direita, quanto da extrema-esquerda. A ideia de uma revolução e de uma mudança social entusiasmaram alguns, mas causaram o temor e a apreensão em outros. Entre 1970 e 1973, mudanças significativas foram sentidas no continente. Em 1970, Allende foi eleito

¹ Este trabalho toma como base as análises de Raoul Girardet (1987), Eugène Enriquez (2001) e Pierre Ansart (1978) para discutir a paranoia, o medo e os sentimentos na política.



presidente, após três tentativas frustradas, pela *Unidad Popular*. A Argentina vivia ainda uma ditadura, a qual se estenderia até 1973. O Uruguai experimentava momentos de radicalidade, com sequestros e assaltos a banco. A ditadura paraguaia, uma das primeiras da América Latina, completava mais de quinze anos. Existia, por outro lado, um grande medo do castrismo na região. A luta contra o “inimigo interno” e uma possível subversão comunista tornaram-se prioridade para a grande maioria dos governos latino-americanos. Os cruzados da Guerra Fria colocaram suas armas no combate a qualquer tentativa de mudança social que pudesse, de alguma forma, remeter ao processo cubano. (ROUQUIÉ, 2009: 210). O ano de 1973 terminaria de forma um tanto trágica para muitos que viram no projeto chileno a construção de um socialismo democrático. Golpes no Chile e no Uruguai marcavam o avanço das forças anticomunistas e o combate a projetos revolucionários. Restaria ainda a Argentina com a volta de Perón ao poder, apoiado por setores da esquerda. Porém, a Argentina também não estava imune à violência, sendo fortemente marcada por ela, culminando na instauração de um novo governo civil-militar, desta vez ainda mais repressivo e violento. Cuba, por sua vez, continuava a inspirar esquerdas e movimentos revolucionários de toda a região. Em meio a esse cenário, milhares de revolucionários, migravam de um país a outro, fugindo da perseguição de novos governos militares. Centenas de brasileiros buscaram exílio no Chile ou no Uruguai após o golpe de 1964 e principalmente após o aumento da violência com o AI-5. Após os golpes em 1973, muitos buscaram refúgio na Argentina.

Esse processo em marcha na América não passou despercebido pelos agentes do SNI. Em 1970, a seguinte informação era apresentada em *Comunismo Internacional*:

Em fins de junho de 1970, realizou-se na Argentina, em local desconhecido, o 1º “Congresso do Partido Revolucionário” (PCR) com a participação de 55 delegados regulares e de 21 outros convidados. Os delegados declararam-se os legítimos herdeiros da guerrilheira Tania, de Che Guevara e outros ativistas da luta, distanciando-se ao mesmo tempo das pretensões de reforma de CODOVILLA. No Congresso foi decidido a execução da ‘grande tarefa histórica do marxismo-leninismo’ sobre os seguintes aspectos:

- União das classes operárias como a única classe revolucionária da sociedade argentina;
- Luta comum pela tomada do poder;
- Enfileiramento da classe operária na linha revolucionária para o fomento da luta econômica e política, bem como da insurreição armada. (S 6 Ago 70)²

As preocupações dos agentes, ao produzir quantidade significativa de informações,

² *Comunismo Internacional*. Agosto de 1970. p. 9.1.

estavam direcionadas a alertar a esfera governamental e os aparelhos repressivos sobre possíveis “elementos subversivos” vindos de outros países, a atuação de brasileiros no exterior e a troca de planos para possível ação conjunta de grupos de esquerda na América. Essas informações, ao chegarem nas Delegacias de Ordem Política e Social, poderiam também “incrementar” as fichas individuais, como foi o caso de Antônio Bandeira Lima. Na informação a seguir, o nome de Antônio aparece sublinhado com uma observação feita a caneta, “anotado em 16/11/1970.”

Antônio Bandeira Lima, brasileiro, 37 anos, juntamente com outro elemento foi preso, em 30 de abril de 1970, pela polícia uruguaia, a 20 km de Montevidéu. Por decisão da justiça uruguaia, foi encarcerado, sendo acusado de ‘associação para delinquir atentado à Constituição no grau de conspiração e posse de explosivos’. Foi comprovada sua participação no assalto dos Tupamaros ao Centro de Instrução da Marinha uruguaia, em 29 de maio de 1970. Antônio é comunista da área de Santos, tendo sido condenado pela justiça de Santos, em 1950.³

Tal observação demonstra que a publicação foi lida e, em partes, cumpriu seu papel de disseminar informações por toda a *comunidade*. Em caso de uma possível prisão do “elemento subversivo” Antônio e uma consulta aos arquivos, essas informações seriam cruzadas contribuindo para a prática do interrogatório.

A atuação de organizações revolucionárias, como *Montoneros*, *Tupamaros* e *Movimiento Izquierda Revolucionaria* (MIR), *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP) foram constantemente analisados e suas ações frequentemente relatadas. Desde 1970 esses grupos figuram nas páginas de *Comunismo Internacional* como “agentes disseminadores do marxismo” nas américas e patrocinadores de sequestros, assaltos a bancos e discursos em prol de uma ação verdadeiramente revolucionária e uma tomada do poder.

Já está ocorrendo na Argentina, o mesmo que no vizinho Uruguai, onde o governo começa a querer saber o que se passa na cabeça dos Tupamaros: que farão hoje? Qual será seu próximo movimento político? Que responderemos agora, já que bem ou mal somos Governo? Em muitas esquinas de Buenos Aires cartazes de bom tamanho, afixados por policiais, pedem aos cidadãos sadios raras denúncias de Arrostito e Firmenich, montoneros fugitivos: cada manhã, ao abrir o jornal, pode procurar-se, com a certeza de encontrar, a última ação das organizações armadas; a 8 de outubro, morte de “Che”, o povo na rua reclamou o poder para Perón, deixando indormidos [sic] os meios policiais. A luta armada tornou-se um com componente inofensível na vida política argentina. O ‘Cordobaço’, em meados de 1969, inaugurou uma efervescência, até então desconhecida dos meios de luta direita contra o regime; prolifera, sobretudo nas grandes cidades do país, uma infinidade de comandos, que se preparam com paciência e que começaram a atuar; as organizações mais antigas se fortalecem e amadurecem, adquirindo novas técnicas; no movimento operário começa

³ *Comunismo Internacional*. Agosto de 1970. p. 8.24.

Além das ações isoladas desses grupos, existia também uma forte preocupação com a articulação desses grupos e seu possível crescimento na América. Uma união das esquerdas poderia significar, aos olhos dos agentes, uma força praticamente sem controle, contando ainda com o apoio de “potências comunistas”, as quais atuariam através desses grupos latino-americanos. Uma notícia ainda em 1970 comprovava esse temor, ao noticiar que as esquerdas estavam supostamente se organizando no plano continental. Tendo como fonte uma revista anticomunista chamada *Les Informations Politiques e Sociales*, em uma edição em espanhol para a América, lê-se que:

Como a guerrilha rural foi derrotada, em todas as partes, os revolucionários latino-americanos, impacientes por mostrarem-se novamente, dedicaram-se ao terrorismo urbano, que alguns líderes querem organizar em escala continental. Considerando que ‘chegou o momento de coordenar as ações isoladas para colocá-las em nível latino-americano’, as organizações terroristas decidiram celebrar uma reunião continental, em La Paz, capital boliviana. Entre os organizadores desta ‘reunião secreta’ encontram-se: Horácio Lang, argentino; Luciano Cruz, chileno, pertencente ao MIR; Humberto e Miguel Henriquez, filhos de Miguel Henriquez, reitor da Universidade de Concepción, na Argentina. As organizações terroristas que se farão representar são as seguintes: TUPAMAROS (URUGUAI); FRENTE DE LIBERTAÇÃO (ARGENTINA); ALIANÇA LIBERTADORA NACIONAL e MOVIMENTO MARIGHELLA (BRASIL); MOVIMENTO POPULAR DOMINICANO; FORÇAS ARMADAS REBELDES (GUATEMALA); EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (COLÔMBIA) e diversos outros movimentos do Equador, México, Bolívia, Peru e Venezuela. O objetivo desta ‘reunião secreta de alto nível’ é ‘conseguir obter um apoio recíproco e alcançar um impacto máximo, nas ações a serem efetuadas.’⁵

A tentativa de unir as esquerdas não foi uma invenção de anticomunistas ou de agentes contaminados pelo temor do avanço de grupos radicais. A busca por um discurso que mobilizasse a esquerda em prol de uma unidade de ação ocorreu em diferentes momentos dos anos setenta, mas esbarrou na força dos militares, mas também, e principalmente, na enorme dificuldade desses grupos de esquerda em reconhecer nos parceiros uma “legitimidade ideológica”. Na constelação de agrupamentos à esquerda do espectro político, proliferavam diferentes interpretações e sobrava a certeza de serem eles os únicos e verdadeiros seguidores do marxismo-leninismo. Movimentos como o MIR, ERP e Tupamaros articularam acordos e reuniões ainda em 1972 e em 1973 tiveram o incremento ELN boliviano. Em agosto de 1973

⁴ **Comunismo Internacional**. Fevereiro de 1972. p. 9.9.

⁵ **Comunismo Internacional**. Agosto de 1970. p. 8.11.



era criada a *Junta Coordinadora Revolucionaria* (JCR). Tal organização nasceu pouco antes do golpe no Chile de Allende e teve sua primeira reunião na Argentina em novembro de 1972, com a participação de representantes das quatro organizações. Decidiram enviar quadros para treinamento militar e ideológico no Chile, onde aprovaram uma aliança formal entre os grupos. (DINGES, 2005: 87). As estratégias da organização ficariam claras na publicação de seus ideais no jornal clandestino *El Tupamaro* de março de 1974:

Estamos unidos na percepção de que a estratégia da guerra revolucionária é a única viável na América Latina. E compreendemos que essa guerra revolucionária é um processo complexo de luta de massas, armada e não armada, pacífica e violenta, em que todas as formas de luta convergem harmoniosamente em torno do eixo da luta armada. [...] O caráter continental da luta é determinado fundamentalmente pela presença de um inimigo comum. O imperialismo norte-americano está executando uma estratégia internacional para deter a revolução socialista na América Latina. Não é mero acaso que regimes fascistas têm sido impostos em países nos quais um movimento de massas em ascensão ameaça a estabilidade do poder oligárquico. A estratégia internacional do imperialismo requer uma estratégia continental por parte dos revolucionários. [...] A estrada a percorrer nesta luta não é curta. [...] Portanto, a nossa guerra revolucionária é uma guerra de atrito nos primeiros estágios, até formarmos um exército popular que seja superior às forças do inimigo. Esse processo é gradual, mas paradoxalmente, o caminho mais curto e menos dispendioso para alcançar os objetivos estratégicos das classes negligenciadas.
POVO DA AMÉRICA LATINA: ÀS ARMAS.⁶

Um dos maiores problemas das esquerdas residia exatamente em relação àqueles de quem esperava receber apoio: operários e camponeses. Se parte desses grupos aderiu ou teve simpatia por ideais socialistas no início do século XX, em meados dos anos sessenta – período marcado pelo avanço das comunicações, por uma oferta de produtos como eletrodomésticos e uma diversificação da moda – era muito mais provável que acabassem por nutrir mais simpatias por partidos populares ou ainda de direita. (ANGELL, 2009: 474). Isso explica as dificuldades de adesão social aos planos de grupos radicais.

Em 1973, uma sequência de informações, dava conta da atuação do ERP argentino e a difusão da violência naquele país, demonstrando o avanço cada vez maior do terrorismo por parte da esquerda.

Exercito Revolucionário do Povo-ERP recrudescer suas atividades terroristas: Nova onda de sequestros, atentados a instalações diplomáticas do Uruguai, assalto à viatura de transporte de leite, assassinato de policial, ocupações de escolas e fábricas para fins de proselitismo

Dois novos sequestros ocorreram em 02 Julho de 73 em Buenos Aires e Córdoba.

⁶ El Tupamaro, Março de 1974 Apud DINGES (2005: 89). Dinges afirma que o primeiro órgão oficial da *Junta Coordinadora Revolucionaria* foi o *Che Guevara*, publicado em novembro de 1974, o qual trouxe novamente o manifesto da junta.



Em Córdoba, foi sequestrado o subgerente da agência local do First National City Bank, Raul Bomanciti, que também é vice-presidente da Câmara de Comércio Exterior, e, na capital, os terroristas levaram o corretor de imóveis Pedro Fiks, romeno de 62 anos. (GL, 03 Jul 73)

* Os terroristas do ERP realizaram dois atentados, em 06 Julho de 73 alegadamente em solidariedade aos trabalhadores uruguaios. O primeiro foi em Buenos Aires, onde os terroristas fizeram disparos contra a residência do Embaixador do Uruguai, Adolfo Folie Martinez, depois de tentar incendiá-la com ‘coquetéis Molotov’. O outro atentado foi em La Plata, onde um comando do ERP ocupou o Consulado do Uruguai. (ESP, 07 Jul 73)

* Este grupo teria o propósito de roubar passaportes em branco, no que não foi, entretanto, bem sucedido. * (FSP, 07 Jul 73)

* O ERP declarou, em 09 Julho de 73 que um dos seus comandos assaltou um caminhão de leite nos subúrbios de La Plata e distribuiu o produto num bairro pobre. (ESP, 10 Jul 73)

Tais informações contribuíam para fortalecer o mito do crescimento comunista na América, mas, principalmente, o de uma invasão comunista no país. Como religiosos que recorrem ao mito dos demônios para justificar sua ação, anticomunistas traziam com relativa frequência o mito de uma invasão comunista no Brasil e de que o país seria o local ideal para uma insurreição. Baseado em informações de uma suposta reunião na Conferência Tricontinental de 1966, na qual foram tratados “acordos secretos”, aos quais *Comunismo Internacional* não indica nenhuma fonte, o Brasil seria o local ideal para uma guerra de guerrilhas. A estratégia didática utilizada pelo agente de informações consiste em trazer uma série de notícias atuais e recentes sobre diferentes eventos comunistas na América, para logo na sequência, e com certa repetição, demonstrar como o país seria o alvo do interesse “subversivo”.

Os ‘Acordos Secretos’ da Conferência Tricontinental Comunista de Havana, realizada entre 03 e 15 Jan 66, incluíram as seguintes revelações sobre a estratégia de luta prevista para o Brasil consubstanciadas no idealizado Movimento Insurrecional de Recuperação Revolucionário – MIRR no tópico relativo a América Latina:

‘O Brasil é o território ideal para a guerra de guerrilhas. É país limítrofe com quase todos os países sul-americanos, e nosso trabalho ali será facilitado pelo fato de existir uma oposição, difusa e natural, ao regime militarista de Castelo Branco. (...) A miséria é cada dia maior. O desenvolvimento industrial do Brasil requer inversões fabulosas. A explosão demográfica, somada a desvalorização da moeda, precipita inevitáveis situações revolucionárias. O Partido Comunista e os grupos socialistas afins estarão com a disposição de capitalizar o descontentamento, engrossando as guerrilhas e lançando-as a partir dos mais diversos pontos do território do Brasil. Embora não possamos alcançar o poder rapidamente, desgastaremos o regime militar e faremos com que os Estados Unidos tenham que enfrentar gastos imensos nesse país, e também em toda a América Latina. Nosso objetivo é, pois, acercarmo-nos do poder, debilitando o militarismo e atacando o imperialismo ianque em uma guerra interminável, que custará milhares de milhões de dólares que o imperialismo perderá e que nós ganharemos, posto que haver-se-á de coordenar essa ação com a ação revolucionária na Ásia e na África, igualmente contra o poderio do capitalismo norte-americano e em favor da hegemonia do comunismo no mundo contemporâneo. O Brasil deve ser o barril sem fundo, no qual Washington gaste milhões de dólares em vão. A Revolução Socialista Mundial recolherá os correspondentes dividendos

A referida reunião foi citada no segundo capítulo quando foi abordado os supostos planos comunistas para a difusão do ópio pelo mundo e a suposta tentativa de entorpecer a juventude com alucinógenos visando o enfraquecimento moral do Ocidente. Cabe questionar como “acordos secretos” chegaram ao conhecimento do SNI e o porquê de, nesse caso, não existir nenhuma indicação de fonte. Pode-se supor que é uma informação falsa, principalmente pelas estratégias que seriam adotadas pelos comunistas, como lançar-se numa guerra para enfraquecer financeiramente os Estados Unidos, que teriam de combater ao mesmo tempo outras guerras, também planejadas e articuladas com esse objetivo. Ações coordenadas visando a hegemonia do comunismo através do enfraquecimento econômico ou ainda dos excessivos gastos dos Estados Unidos, não condizem com a estratégia adotada pelos grupos de esquerda na época, baseadas nas teorias dos focos guerrilheiros ou mesmo de guerrilhas urbanas, visando muito mais a adesão da população e, a partir disso, uma tomada do poder. Por certo, entende-se que um discurso de ódio e repulsa por parte da esquerda em relação aos “inimigos” como o imperialismo, era frequente e também estava na “ordem do dia” dessas organizações. Era, em certa medida, o sangue da fé revolucionária. Cabe questionar se esse arcabouço discursivo não teria sido manipulado em prol de seus adversários. A simples ausência de elementos da linguagem tipicamente marxista poderia ser um indício.

Inimigos imaginários povoaram a mentalidade dos agentes repressivos, mas também fizeram parte da sociedade, que temia o avanço do comunismo e via nos comunistas a representação do mal, bem como a degradação do mundo ocidental. A paranoia e o medo do “outro”, estiveram presente durante boa parte da chamada Guerra Fria, mas, em certa medida, acompanham alguns atores do atual cenário político, que levantam bandeiras contra o comunismo, ressuscitando antigos monstros.

Era motivo de grande preocupação para os agentes de informações o crescimento do comunismo e de filiados a partidos comunistas, com a cifra de 45,9 milhões, tendo o Partido Comunista Chinês com o maior número de membros.

URSS x CHINA

Militantes Comunistas no Mundo - Cisões em Linha Pequim e Linha Moscou

O número de comunistas em todo mundo, em 1969, era de 45,9 milhões, com um aumento de 700 mil sobre o ano de 1968. Em 1963, só havia 43 milhões de filiados aos diversos partidos espalhados pelo mundo. O maior número de filiados ao PC

⁷ **Comunismo Internacional**. Julho de 1973. p. 10.2.

encontra-se na China - 17 milhões. Em segundo lugar vem a URSS com 14 milhões de membros. Fora do bloco socialista, o partido que conta com maior número de adeptos é o italiano - 1,5 milhão. Seguem-se a França, o Japão e a Índia. O aumento do número de inscritos nos partidos comunistas deve-se, por exemplo, a fatos como a legalização do PC venezuelano o ao crescimento do número de membros dos partidos governantes em Cuba, URSS, Bulgária, Romênia e Iugoslávia. Entretanto, houve perda de membros nos partidos da Áustria, Finlândia, Suécia, Grã-Bretanha, Tcheco-Eslováquia e Albânia. [...] As cifras de membros de partidos comunistas em 1969, em alguns países eram as seguintes:

| | |
|-------------------|---------------------|
| Polônia | 2.030.000 |
| Romênia | 1.924.000 |
| Alemanha Oriental | 1.769.000 |
| Tchecoslováquia | 1.650.000 |
| Coréia do Norte | 1.600.000 |
| Iugoslávia | 1.146.000 |
| Vietnã do Norte | 766.000 |
| Bulgária | 637.000 |
| Cuba | 120.000 |
| Albânia | 50.000 |
| Mongólia | 48.600 ⁸ |

Elias Canetti, na referida obra, analisa diferentes tipos de massa e sua relação com a história ou sua aparição nela em diferentes momentos, dos mais simples a momentos excepcionais. A união de uma massa e a força que os indivíduos adquirem ao se reconhecerem como pertencentes a ela, podem ser de longa duração ou desfazerem-se rapidamente. Por outro lado, ele analisa uma massa invisível, a qual encontra-se no além, mas que causa ações no mundo terreno. A massa invisível consegue, mesmo do além, participar do mundo dos vivos e causar temor. Diversos grupos religiosos utilizam e manipulam essas massas para fazer valer a força de seu discurso. Seriam essas massas, segundo Canetti, o sangue da fé. A essas massas estariam atrelados também os medos dos vivos. (CANETTI, 1995: 44) Para o autor,

Vê-se, pois, que a impertinência desses diabos é tão gigantesca quanto o seu número. Quando fechava os olhos, o abade cisterciense Richalm via-os densamente feito poeira em torno de si. Fizeram-se estimativas mais exatas de seu número. Destas, conheço duas, as quais, no entanto, diferem bastante uma da outra. Uma informa serem 44.635.569 os diabos; a outra, 11 bilhões. (CANETTI, 1995: 44)

A manipulação de determinadas massas – sejam elas pertencentes ao mundo dos vivos ou dos mortos, desse mundo ou do além – contribui para disseminar o sentimento do medo, mas também almeja a obediência, a adesão a uma causa e o combate a um inimigo comum. Formase assim uma outra massa a espera de uma descarga, de um momento para agir, momento esse

⁸ **Comunismo Internacional**. Junho de 1970. p. 2.7.



que faz o indivíduo deixar de ser ele mesmo para ser apenas massa. Nesse momento, ele e a massa estariam prontos para a violência. Bastaria apenas uma ordem.

BIBLIOGRAFIA:

ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Tradução Aurea Weissemberg. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ANGELL, Alan. A Esquerda na América Latina após 1920. In BETHELL, Leslie (org). **História da América Latina após 1930: Estado e Política**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DINGES, John. **Os Anos do Condor: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ENRIQUEZ, Eugène. Matar sem remorso: reflexões sobre os assassinatos coletivo. **Revista História: Questões & Debates**. Curitiba, PR: Editora da UFPR, v. 18, n.35. jul/dez. 2001.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ISHAQ, Vivien, FRANCO, Pablo E., SOUSA, Teresa. **A escrita da repressão e da subversão: 1964 – 1985**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012.

ROUQUIÉ, Alain. Os militares na Política Latino-americana após 1930. In BETHELL, Leslie (org). **História da América Latina após 1930: Estado e Política**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.